

# OTERRORISMO NO TEMPO DE NOSSOS AVÓS

Armando Alexandre dos SANTOS

As duas torres gêmeas de World Trade Center - que durante tantos anos simbolizaram a aparentemente inabalável supremacia norteamericana consolidada ao longo do século XX - já não mais existem.

Elas desapareceram na trágica manhã que marcou não só o desaparecimento de um dos mais grandiosos edifícios do mundo ocidental e a morte de milhares de inocentes, mas também assinalou - como afirmaram comentaristas internacionais - o fim de toda uma era histórica. Será verdade?

O terrorismo, nessas dimensões apocalípticas, é fenômeno novo e choca profundamente nossos contemporâneos. Mas o terrorismo, em escala mais restrita, é fenômeno antigo e já chocou profundamente nosso avós, na passagem do século XIX para o século XX.

Nas duas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX até a eclosão, em 1914, da Primeira Guerra Mundial, o mundo civilizado viveu uma fase de grande esplendor e requinte cultural. Esse período foi, por isso mesmo, chamado “Belle Époque”.

De tempos em tempos, uma crise internacional ameaçava seriamente abalar a ordem vigente. Mas, acreditavam muitos, os governos já estavam maduros demais para se lançarem na aventura de uma guerra que, com os armamentos modernos cada vez mais aperfeiçoados, seria terrível. A guerra era, então, um pesadelo que o próprio avanço da indústria bélica tornava improvável, e no qual se preferia nem pensar.

A crença inabalável no progresso era generalizada. Vivia-se então no fascínio pelas novas invenções e descobertas. A Torre Eiffel, erguida em Paris para marcar o centenário da Revolução Francesa, cujos

horrores sanguinolentos já pertenciam ao passado, simbolizava essa grande esperança, compartilhada pela imensa maioria dos povos, num futuro risonho e pacífico para a humanidade.

Foi, paradoxalmente, nesse período róseo que uma onda de atentados terroristas, de cunho anarquista e/ou republicano, varreu várias nações da Europa e da América, abalando a tranqüilidade geral. Tornou-se então quase moda assassinar reis, príncipes, e até presidentes de república, com tiros, punhaladas ou bombas.

Bem entendido, em comparação com o terrorismo de nossos dias, quase se diria que eram inocentes brincadeiras de criança. Mas já era o começo...

A seguir, evocamos alguns dos atentados que mais impressionaram o público daquele tempo e que alimentaram, semanas ou meses a fio, a conversação nos serões das velhas casas de nossos avós.

### **“NINGUÉM OUSARIA ATACÁ-LO PELA FRENTE...”**

No dia 1º de fevereiro de 1908, foram assassinados a tiros, em Lisboa, o Rei D. Carlos I e seu filho primogênito, o Príncipe D. Luís Filipe. O segundo filho do rei, D. Manuel, foi ferido no mesmo atentado, embora sem gravidade, e subiu ao trono como D. Manuel II.

Naquela tarde de inverno, a Família Real, chegada de Vila Viçosa, desembarcaria no cais de Lisboa e se dirigia em carruagem aberta para o Palácio Real. O Rei fora advertido de que havia sérios indícios de que os republicanos fariam, naquele dia, um atentado contra sua pessoa, e por isso as autoridades policiais lhe recomendaram que fizesse o percurso por um caminho diferente do habitual, e em automóvel fechado. Mas D. Carlos, homem corajoso e destemido, respondeu que *“um Bragança não tem medo”* e decidiu fazer o caminho do modo habitual.

Quando a carruagem passava pelo Terreiro do Paço, por entre uma multidão entusiasmada que aplaudia (já que D. Carlos e sua Família eram imensamente populares), dois assassinos abriram fogo. Um deles estava armado com uma pistola Browning mod. 1900, calibre 7.65, e o outro portava uma carabina Winchester 44, de repetição.

D. Carlos estava sentado no banco de trás da carruagem, tendo à sua direita a esposa, a rainha D. Amélia, e no banco da frente iam os dois filhos do casal.

O rei foi alvejado pelas costas, com um tiro que lhe atravessou a coluna vertebral. Nunca, comentava-se, matador algum ousaria enfrentá-lo de outro modo, já que a pontaria do monarca era certa e em toda a sua vida somente uma única vez encontrara um atirador que o superou no tiro-ao-alvo: o diplomata argentino Marcelo de Alvear, futuro presidente de seu país.

Quase simultaneamente outro assassino se aproximou do carro e também abriu fogo contra o rei, que já havia tombado, e seus dois filhos.

D. Luís Filipe, que poucos dias depois completaria 21 anos, embora atravessado de lado a lado por uma bala (que depois a autópsia revelou não ter sido mortal) sacou seu revólver Colt e, de pé na carruagem, trocou tiros com os assassinos, chegando a acertar quatro balas num deles. Mas um tiro de carabina o atingiu no rosto e o prostrou sem vida ao lado do pai.

A rainha, que levava na mão um ramo de flores que lhe tinha sido oferecido pouco antes por uma afilhada, protegeu com seu corpo o filho mais jovem que fora ferido no braço e, usando as flores como arma, com elas fustigou um dos assassinos que procurava matar também o infante D. Manuel.

Os assaltantes foram imediatamente trucidados pelos guardas do rei e pela população que, como se disse, tinha D. Carlos e sua família em grande estima.

## **O SANGUE FRIO DO JOVEM REI IMPRESSIONOU PROFUNDAMENTE**

Quando Afonso XII, rei da Espanha, morreu, em 1885, deixou sua esposa grávida. Seis meses depois nascia, já rei, aquele que seria Afonso XIII e que, declarado maior aos 16 anos, assumiria plenamente suas funções.

Também ele foi vítima de um atentado terrorista, precisamente no dia de seu casamento, em 1906. A carruagem em que ele e sua noiva Vitória Eugênia de Battenberg eram transportados foi atingida por uma bomba, que feriu alguns populares, mas que prodigiosamente nem a ele nem à noiva fizeram mal.

A atitude corajosa e o sangue frio demonstrado na ocasião pelo jovem rei impressionaram profundamente o povo espanhol. O primeiro gesto dele, assim que saiu do que sobrou da carruagem, foi socorrer a noiva e, vendo que ela também nada sofrera, encarregou um ajudante de ordens de escoltá-la até local seguro.

Em seguida, com perfeito domínio de si mesmo, pôs-se a atender aos outros feridos, a dar ordens para que fossem socorridos e removidos, sem sequer pensar em proteger-se a si mesmo, evidentemente possível alvo de outro atentado em meio à confusão que se estabelecera no local.

## **SISSI, APUNHALADA POR UM ANARQUISTA**

A Imperatriz Elisabeth, mais conhecida por seu apelido familiar Sissi, nasceu na Baviera, em 1837, e casou em 1854 com o Imperador Francisco José (1830-1916). Sissi foi célebre pela beleza extraordinária e pelo charme indizível de sua pessoa. Sua vida foi tema de três filmes realizados nos anos 50, tendo como atriz principal Romi Schneider, os quais foram sucessos de bilheteria e ainda hoje com frequência são procurados nas locadoras de vídeos.

A bela e desditosa Sissi foi morta em Genebra, em dezembro de 1898, pelo anarquista italiano Luigi Luchesi, que a apunhalou.

## **“NÃO MORRAS! VIVE PARA NOSSOS FILHOS!”**

O estopim que fez eclodir a primeira Guerra Mundial foi o assassinio, ocorrido em Serajevo, capital da Bósnia, do Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro imediato da monarquia austro-húngara, e de sua esposa, Sofia Chotek.

Na manhã de 28 de junho de 1914, um anarquista sérvio lançou uma bomba contra o carro em que viajavam o Arquiduque e sua esposa, mas a bomba caiu fora do veículo e explodiu quando sobre ela passou um automóvel que acompanhava o casal. Houve dois feridos mas o casal nada sofreu.

Na tarde daquele mesmo dia, Francisco Ferdinando resolveu ir visitar os feridos no hospital da cidade, e para mostrar que não tinha temor, foi de carro aberto. Aproximou-se então o anarquista Gavrilov Princip que estava na mesma conjura do que lançara a bomba horas antes, e matou o casal com tiros de pistola Browning cal. 7.65. As últimas palavras de Francisco Ferdinando, dirigidas à esposa, foram: “Sopher! Sopher! Sterbe nicht! Bleibe am Leben für unsere kinder!” (Sofia! Sofia! Não morras! Vive, para nossos filhos!).

## **TAMBÉM PRESIDENTES DE REPÚBLICA**

Reis e príncipes eram os alvos preferenciais dos atentados terroristas do passado, mas não eram alvos exclusivos. Vários presidentes de república também foram vitimados por atentados desses. Entre outros, recordemos um francês e um norte-americano.

O engenheiro Sadi Carnot, eleito presidente da república francesa em 1887, era neto de Lázaro Carnot, célebre matemático e destacado revolucionário, um dos que votaram a morte do rei Luís XVI. Como a Imperatriz Sissi, também Sadi pereceu apunhalado por um anarquista italiano, de nome Santo Caserio. O fato ocorreu em Lyon, em junho de 1894.

William McKinley, nascido em Ohio no ano de 1843, elegeu-se presidente dos Estados Unidos em 1897. Em 1901, quando iniciava seu segundo mandato, foi morto por um anarquista que o alvejou com dois tiros na Exposição Pan-americana de Buffalo. McKinley faleceu oito dias depois, em consequência dos ferimentos recebidos.

